

A Prática da Leitura pelos Alunos da Turma “Gringos” da Legião Mirim de Bauru - SP

Aline Campesi*
Marisa Sormani Bastos**

Resumo: O presente trabalho discorre a respeito de um projeto desenvolvido na Legião Mirim de Bauru – SP, cujo propósito é mostrar que o objetivo primordial da leitura é proporcionar ao leitor uma interação com o texto e permitir que ele atribua sentido ao que lê, além de questionar o caráter obrigatório que, em muitas circunstâncias, é atribuído à leitura.

Palavras-chaves: ensino de língua e de literatura, leitura, interação, avaliação.

1. Considerações Iniciais

Considerando que nem sempre a leitura recebe o seu devido tratamento e o merecido espaço nas salas de aulas e que nem sempre há estímulos e exemplos de leitores no ambiente familiar, é comum que os alunos não desenvolvam a prática e o prazer pela leitura. Além disso, quando há propostas de leitura, dentro ou fora da sala de aula, podemos perceber que, em alguns casos, há o desvirtuamento do objetivo primordial da leitura que é o de proporcionar ao leitor uma interação com o texto e permitir que ele atribua sentido àquilo que lê e não apenas associar a leitura a um simples método avaliativo, como é comum ocorrer.

Quando o trabalho com os alunos da turma “Gringos” foi iniciado, percebeu-se que a produção, assim como a leitura de textos era muito ineficiente, certamente devido à precariedade no processo de ensino – aprendizagem de Língua Portuguesa.

Durante uma pesquisa oral, os alunos expuseram os motivos pelos quais não se sentiam atraídos pela leitura. Entre as razões apresentadas estavam: a) especialmente, a avaliação exigida após alguma atividade de leitura; b) a falta de tempo devido a outras atividades; e c) a preferência em assistir à televisão, jogar vídeo game e, para se informar, acessar a Internet.

A partir das observações constatadas, resolveu-se desenvolver um projeto que visasse à leitura pelo prazer e pelo conhecimento que tal prática proporciona; ou seja, um trabalho que desvinculasse a leitura do caráter obrigatório que lhe é atribuído em diversas circunstâncias pelos alunos da turma “Gringos”, já que eles só praticavam a leitura condicionada a algum tipo de avaliação.

O presente trabalho objetiva relatar uma experiência, na qual se pretendeu desenvolver uma metodologia que permitisse aos alunos praticarem uma leitura construtiva, que os agradasse e colaborasse para sua formação.

* Acadêmica do Curso de Letras da Universidade Paulista (UNIP), *Campus* de Bauru – SP.

** Professora Doutora do Curso de Letras da Universidade Paulista (UNIP), *Campus* de Bauru – SP.

No primeiro momento, será apresentado o embasamento teórico para o desenvolvimento do projeto. A seguir, discorrer-se-á a respeito das atividades desenvolvidas e da metodologia empregada na aplicação do projeto. Posteriormente, os resultados obtidos e as conclusões a que se chegou serão apresentados.

2. Referencial Teórico

Segundo Zilberman (1984), as atuais práticas de leitura maculam o objetivo daquilo que é considerada uma leitura ideal, aquela em que o aluno tem uma experiência pessoal com o texto. O que se tem é o inverso desse objetivo. Especialmente os livros didáticos apresentam-se como verdades absolutas, ou seja, impedem que o aluno faça uma interpretação própria a respeito do que lê.

Dessa forma, torna-se necessária uma reintrodução da leitura na sala de aula. É preciso desvincular o caráter obrigatório que a leitura apresenta em diversas circunstâncias. São comuns propostas de leitura que visam à elaboração de resumos, fichas de leitura e outros tipos de avaliações, que desvirtuam o real sentido da leitura.

Com efeito, a leitura ideal é aquela que propicia o enriquecimento do leitor, a que possibilita uma viagem ao mundo da imaginação e, ainda, a que aceita a interpretação e a participação do leitor, pois, considerando que a leitura trata-se de uma descoberta que provém da experiência individual do leitor, é inconcebível que continuemos atribuindo um caráter exclusivamente avaliativo à leitura.

Nesse sentido, Silva (2004) questiona a escolha dos livros. De acordo com a autora, os professores escolhem obras que já leram, ou então, aquelas das quais ouviram ser uma boa leitura, ou ainda, aquelas que consideram adequadas. Tal procedimento implica a anulação da própria vontade do aluno, porque ele não tem liberdade para escolher o que gostaria de ler.

Depara-se, mais uma vez, com o caráter autoritário do ensino, pois o professor julga e escolhe o que o aluno lê, sendo que isso nem sempre corresponde à vontade do aluno; por isso, a leitura torna-se desinteressante, é feita apenas para a elaboração da avaliação que, certamente, será exigida; conseqüentemente, há uma distorção do o sentido da leitura.

É através da leitura que o indivíduo torna-se capaz de questionar, argumentar e discordar de tudo o que é dito e imposto. A leitura abre um leque de possibilidades para se fugir da manipulação e da aniquilação de opinião que, especialmente, os meios de comunicação de massa vêm exercendo sobre todos.

Além disso, deve-se entender a leitura no seu sentido mais amplo. Entende-se leitura como toda e qualquer interpretação que se faz do mundo e do ambiente ao nosso redor. Exatamente por isso que se faz necessário respeitar a opinião e a interpretação do aluno, incentivá-lo a empregar o seu conhecimento de mundo em suas interpretações e não apenas solicitar-lhes o o preenchimento de fichas de leitura imbuídas de respostas fechadas, prejudicando o diálogo entre o aluno e o texto.

Quanto à qualidade da leitura, da Silva (1997) acredita que quantidade de livros não é o mais importante na formação de leitores, mas sim a possibilidade que os livros proporcionam ao leitor de viver experiências concretas em diferentes fases da sua vida. Digo experiências concretas pois, assim como o autor, acredito que a leitura só tem valor quando permite ao leitor utilizar suas leituras preliminares, ou seja, quando proporciona uma interação entre a ficção que lê e a realidade que conhece.

Porém, nem sempre as leituras proporcionadas aos alunos têm por objetivo auxiliar na construção do senso crítico e lhes proporcionar uma viagem ao mundo do imaginário, no qual eles podem ser o que quiserem, sem deixar de ser eles mesmos, como afirma da Silva.

É comum que os professores exijam leituras de obras não porque elas podem contribuir para a formação do aluno, mas para cumprirem um cronograma estabelecido no início do ano letivo, que nem sempre considera a validade e o significado que a leitura carrega.

Sendo assim, depara-se com mais uma situação em que o objetivo primordial da leitura de proporcionar ao leitor uma interlocução com o texto é prejudicado em detrimento ao cumprimento de um cronograma, ou de uma imposição do professor que utiliza a leitura como simples método avaliativo.

3. Aplicação do Projeto

O projeto foi desenvolvido na Legião Mirim de Bauru, que é uma instituição filantrópica, cujo objetivo é profissionalizar e capacitar jovens de baixa.

A instituição assiste aproximadamente 600 adolescentes, tem o Rotary Club de Bauru como mantenedor e está localizada na Avenida Dr. Nuno de Assis, nº. 13-50, no Jardim Santana, no município de Bauru, interior do estado de São Paulo.

A instituição oferece diversos cursos profissionalizantes, como: Contabilidade, Atendimento ao Cliente, Recursos Humanos e outras oficinas. A acadêmica desenvolve trabalhos com a Legião desde julho de 2005, e o primeiro contato com a turma “Gringos” foi em maio de 2006.

A turma era formada por 25 alunos, com idade entre 15 e 16 anos e meio e eram alunos que estavam na 8ª. série do Ensino Fundamental ou no 1º. ano do Ensino Médio. Durante a realização dos trabalhos, constatou-se que a maior parte dos alunos apresentava além da ineficiência de produção de textos, desinteresse pela leitura, exceto quando essa estava relacionada a algum tipo de avaliação. Foi quando decidiu-se desenvolver um trabalho que estimulasse a prática da leitura.

Levando-se em consideração que a acadêmica já desenvolvia trabalhos com os alunos e dispunha de certa intimidade com eles, foi-lhes explicado o projeto a ser desenvolvido. É importante ressaltar que, dos 25 alunos que formavam a turma, apenas 5 tiveram interesse em participar do projeto. Dessa forma, ficou combinado que os encontros seriam após as aulas, às quartas-feiras e teriam duração média de 1 hora.

A partir da exposição do projeto, foi feito um debate sobre quais os tipos de textos que mais agradavam e que, portanto, tornavam-se mais atrativos. De acordo

com os alunos, os textos que trabalhavam temas relacionados aos conflitos pertinentes à adolescência eram os que mais agradavam. Considerando as informações constatadas, no encontro seguinte, proporcionou-se aos alunos a leitura de alguns poemas que, na concepção deles, fugiam às características comuns dos poemas; entre eles, estavam: “Epithalamium II”; “Irene no Céu”; “Vício na Fala”, “Trem de Ferro” e outros. No encontro seguinte, os alunos trouxeram a interpretação escrita do poema “Vício na Fala”, a qual foi lida e discutida em sala de aula.

Para dar continuidade às leituras nas aulas seguintes, os alunos tiveram acesso a alguns livros da “Série Reencontro” da Editora Scipione e alguns da “Série Descobrimos os Clássicos” da Editora Ática, que são obras consagradas como, “Dom Casmurro”, “A Divina Comédia”, “O Mundo Perdido” e outras adaptações com as quais os alunos teriam maior facilidade na compreensão da obra, devido à linguagem atualizada. Porém, antes de propor a leitura, foi solicitado que os alunos dessem sugestões de atividades que gostariam de fazer após a leitura dos livros. Definiu-se, então, que eles teriam liberdade para desenvolver a atividade que desejassem após a leitura e foi combinada uma data de aproximadamente 4 semanas após o contato com o livro.

4. Discussão dos Resultados

Em relação à leitura do poema “Vício na Fala” de Carlos Drummond de Andrade, primeiramente foi feita uma leitura em voz alta do poema; em seguida, pediu-se que os alunos comentassem sobre o que entenderam e pensaram sobre o poema. Discutiu-se sobre a que tipo de “teiado” o autor se referia no final do poema e percebeu-se que os alunos tiveram muita dificuldade para desassociar a figura de linguagem “teiado” do significado de cobertura de casas, a qual se chama telhado. Além disso, tiveram dificuldade em entender qual a intenção do autor em dizer “mio” no lugar de “melhor”. Após a discussão, propôs-se aos alunos que fizessem a interpretação escrita do poema e trouxessem-na na aula seguinte. No final da aula, perguntaram como deveriam fazer a atividade, pois não haviam entendido nada do poema. Comentou-se que deveriam ficar a vontade para escrever o quisessem. Inicialmente, os alunos não se interessaram muito pelo poema, porém, quando ele foi lido mais algumas vezes, os alunos começaram a considerá-lo engraçado. A partir desse momento, os alunos passaram a comentar que eles também falavam “errado” e que a maior parte das pessoas que conheciam também falavam daquele jeito. Na aula seguinte, os alunos fizeram a leitura das interpretações e percebeu-se, de forma mais evidente ainda, a dificuldade que eles tiveram em se desprender do que estava escrito, ou seja, prenderam-se a um único sentido que uma palavra podia expressar, prova disso, são os comentários que os alunos fizeram do poema, como por exemplo: “...é que todo mundo fala errado mesmo”. Apesar de a atividade não ter sido como o esperado, contribuiu de forma significativa para que se refletisse sobre as atividades de interpretação que se tem trabalhado com os alunos, além de motivar a acadêmica, ainda mais, a desenvolver seu projeto.

Após o trabalho com o poema, foi proposto aos alunos que comesçassem a ler os livros que haviam escolhido. Durante o tempo que os alunos tiveram para ler o

livro, alguns comentaram sobre o que estavam pensando da leitura. Enquanto uns liam rapidamente, outros diziam que estavam receosos por não conseguir ler até a data combinada.

No dia combinado para a discussão da leitura dos livros, os cinco alunos estavam presentes. Porém, eles não prepararam nada escrito ou uma imagem para falarem sobre o livro. Decidiram que somente fariam um breve resumo do livro e dariam sua opinião sobre a leitura. No entanto, acredit-se que a atividade foi interessante e produtiva.

Serão descritos, a seguir, os desempenhos dos alunos nas atividades propostas.

Bruno Henrique Martimiano leu a obra *Esse Amor Veio para Ficar*, de Álvaro Cardoso Gomes. Segundo o aluno, a narrativa do livro é comum à realidade dos adolescentes, já que narra a história de uma adolescente grávida. Bruno afirmou que não teve dificuldade em relação à leitura da obra; afirmou, ainda, que costuma ler livros, mas que, na época em que o projeto foi aplicado, não estava lendo nenhum. Após fazer um resumo sobre a obra e alguns comentários sobre o tema abordado, tais como: “apesar de terem informação, as meninas não se previnem como deveriam”, Bruno indicou a leitura aos demais alunos, já que eles também são jovens e poderiam passar pela mesma situação. Considerando os comentários sobre a facilidade que teve em ler o livro e a indicação da obra aos colegas, acredita-se que a leitura o agradou e proporcionou-lhe alguma contribuição.

Edvaldo Moraes Bratiffich escolheu a obra *As Aventuras de Tom Sawyer*, de Mark Twain. Edvaldo afirmou acreditar que muitos filmes de aventura, tanto os atuais como os mais antigos, podem ter se baseado em algumas partes do livro, já que a história narrada no livro é de um grupo de jovens que vive inúmeras aventuras. No que diz respeito à apreciação do livro, o aluno disse que, apesar de a narrativa fugir muito da realidade e muitas vezes ser até surreal, ele gostou do livro, exatamente por poder fugir um pouco da realidade. Quando foi perguntado se a leitura contribuíra de alguma forma, Edvaldo revelou que o livro não contribuíra muito para a sua formação; no entanto, permitiu que ele fizesse uma viagem para fora da realidade e se distraísse durante algum tempo.

O aluno Luis Octávio Ferreira Canabrava escolheu a obra *A Divina Comédia* de Dante Alighieri. No dia da apresentação, o aluno afirmou que não havia terminado de ler o livro, pois “achara o começo muito chato”. Isso ocorreu devido ao fato de o aluno nada ter comentado a respeito antes do dia da apresentação. Acredito que, nesse caso, ele poderia ter sido mais bem preparado para a leitura dessa obra, já que a história narrada não é muito comum e a linguagem em alguns trechos não é muito clara. Como a atividade não tinha caráter avaliatório, foi dito ao aluno que ele poderia ter escolhido um outro título.

A apresentação do aluno Roger Diego Batista de Lima que escolheu “Dom Casmurro” de Machado Assis, foi a que mais agradou e surpreendeu a acadêmica; isso porque, após fazer um breve resumo da obra, o aluno propôs uma discussão sobre o comportamento de Capitu. Durante a discussão, uns alunos expuseram as razões que os levavam a crer que Capitu cometeu adultério, enquanto outros se

justificavam por acreditarem que ela era inocente. Além disso, Roger afirmou que só não lhe agradou muito o final do livro, por ser triste, mas gostou muito da leitura e da polêmica que a obra gerava.

Felipe Silva Bianchi escolheu o livro *O Mundo Perdido*, de Arthur Conan Doyle. Felipe fez relação da leitura com alguns filmes a que havia assistido, como *Jurassic Park – Parque dos Dinossauros* e afirmou ter gostado muito do livro. Isto trouxe bastante satisfação à acadêmica, uma vez que o aluno nunca havia lido antes um livro e afirmou que iria ler outros, pois gostara muito da experiência.

5. Considerações Finais

Considerando as hipóteses levantadas no início do trabalho, é possível confirmar algumas delas; como, por exemplo, a de que, quando os alunos têm liberdade para escolher o que desejam ler e que tipo de atividade querem desenvolver, eles se interessam mais, o que permite que a leitura seja mais prazerosa e, conseqüentemente, mais produtiva.

Outro ponto que deve ser destacado é que, mesmo os alunos tendo liberdade para escolherem a leitura e atividade que desejam fazer, é preciso que o professor esteja atento às dificuldades que eles apresentam, como aconteceu com o aluno Luis Octávio, que desistiu da leitura por considerar o texto muito difícil; sendo assim, cabe ao professor avaliar se aluno está preparado para determinado tipo de leitura.

Com o projeto, acredita-se que se conseguiu desvincular a leitura do caráter obrigatório que lhe é atribuído em diversas circunstâncias e possibilitar uma interação entre o aluno e o livro, a fim de que a leitura tivesse realmente significado para os alunos.

Enquanto os próprios professores não mudarem a concepção quanto à leitura, será muito difícil conseguir formar leitores. Pelo contrário, criar-se-á uma verdadeira aversão à leitura, já que os alunos serão obrigados a ler para serem avaliados por meio de instrumentos que o impedem de interagir com as obras e de incluir suas experiências pessoais em suas respostas.

Isto posto, definitivamente precisa-se mudar a abordagem da leitura nas escolas para que alunos e professores parem de se enganar – os alunos a fingirem que lêem e os professores a fingirem –se satisfeitos e aliviados com o sentimento de papel cumprido.

6. Referências Bibliográficas

ZILBERMAN, R. A Leitura na Escola. *In: Leitura em crise na escola*. 3ª ed. Porto Alegre: Mercado Livre, 1984.

SILVA, L.L.M. Sobre a leitura na sala de aula. *In: O texto na sala de aula*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 2004.

SILVA, E. T. *Leitura e realidade brasileira*. 5ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.